

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 e 6 de Novembro de 2023

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS – A GUERRA NO CINEMA (parte II): Para Além do Campo de Batalha

LA BANDERA / 1935 A Bandeira

Um filme de Julien Duvivier

Argumento: Julien Duvivier e Charles Spaak, baseado no romance homónimo de Pierre Mac Orlan / *Directores de fotografia (35 mm, preto & branco):* Jules Krüger e Marc Fossard / *Cenários:* Jacques Krauss / *Música:* Jean Wiéner e Roland Manuel / *Montagem:* Marthe Poncin / *Som:* Robert Teisseire, Georges Gérardot, Marcel Petiot / *Interpretação:* Jean Gabin (*Pierre Gilieth*), Annabella (*Aïcha*), Robert Le Vigan (*Fernando Lucas*), Aimos (*Marcel Mulot*), Pierre Renoir (*o Capitão Weiler*), Gaston Modot (*o soldado que refila*), Margo Lion (*a “madame” em Marrocos*), Viviane Romance (*uma prostituta*) e outros.

Produção: Société Nouvelle de Cinématographie / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm (redução do original em 35 mm), versão original com legendas electrónicas em português / *Duração da cópia:* 90 minutos (duração original: 103 minutos) / *Estreia mundial:* 25 de Setembro de 1935 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 18 de Maio de 1936 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 5 de Maio de 2004, no âmbito do ciclo “A Luz Fixa das Estrelas”.

La Bandera foi filmado em grande parte em cenários naturais, na região de Marrocos então sob domínio espanhol. Um general espanhol prestou muita ajuda à equipa, facilitou as filmagens e foi calorosamente agradecido no genérico original. Mais tarde, porém, o seu nome foi omitido do genérico: o general se chamava Francisco Franco... Independentemente desta curiosidade, **La Bandera** é um filme indispensável em qualquer retrospectiva do cinema francês clássico, porque ilustra um género típico daquele cinema nos anos 30 e é o filme que fez de Jean Gabin uma vedeta. As primeiras imagens do genérico indicam: “*Annabella e Jean Gabin*”, o que mostra que embora tivesse o papel principal, Gabin ainda não era uma vedeta de primeiríssima grandeza. Mas independentemente daquilo que o filme delinea e define da futura *persona* cinematográfica de Gabin, **La Bandera** é importante por abordar um mito do cinema (e não apenas do cinema francês), o da Legião Estrangeira, por detrás dos quais se perfilam os mitos da aventura colonial. É um filme de género, um dos bons momentos na obra de um realizador prolífico e um filme-chave na obra de um importante ator.

1934 foi um ano decisivo na carreira de Gabin, que teve em **Zouzou** aquele que talvez seja o seu primeiro papel principal marcante, um marinheiro que é irmão adotivo de Joséphine Baker, que naquele momento era uma vedeta bem mais importante do que ele. 1934 também é o ano em que Gabin trabalha pela primeira vez com Julien Duvivier, “*o grande relojoeiro da profissão*”, segundo as suas palavras e um dos dois cineastas de quem no fim da vida dizia que o tinham “*enriquecido, de alguma maneira*” (o outro é Renoir, que representa a polaridade oposta enquanto realizador, “*as vantagens que podem ter a improvisação e a fantasia*”, nas palavras do ator). Depois do insípido **Maria Chapdelaine** e de um **Gólgota**, em que Gabin fez contra a vontade o papel de Pôncio Pilatos (um Pilatos que a quase toda a gente pareceu ter jeito e voz de dono de tasca parisiense), Duvivier e Gabin fazem juntos **La Bandera**, em que surgem vários traços que definiriam a personalidade cinematográfica definitiva de Gabin. Os cinco anos decisivos do percurso de Gabin, os cinco anos que lhe garantem a imortalidade cinematográfica, vão de 1935 e **La Bandera** a 1940 e **Remorques**, por melhores que possam ter sido alguns filmes e desempenhos seus antes e depois deste período. Duvivier teve tal consciência do papel formador de **La Bandera** no mito de Gabin que guardaria diversos elementos da trama narrativa em **The Impostor**, que faria em Hollywood em 1943, no qual Gabin também é um homem com um passado criminoso, que morre corajosamente em combate militar (**The Impostor** é um filme de propaganda da causa da France Libre do General de Gaulle). Para impor Gabin aos americanos, o que não aconteceu, Duvivier retomou vários elementos do filme que o consagrara junto aos franceses.

La Bandera é evidentemente uma produção de prestígio, em cujo genérico desfilam alguns dos técnicos mais reputados do cinema francês da época (Jules Krüger, Jacques Krauss), um dos melhores e mais importantes argumentistas do período, Charles Spaak, celebridades como Jean Wiéner e Roland Manuel na música e além de Gabin, no seu décimo-nono filme, há no elenco um actor importante como Pierre Renoir e secundários célebres como Robert Le Vigan, Gaston Modot e Aimos. Duvivier não desperdiçou os meios que teve à disposição. Sabia que um filme destes não teria qualquer sentido num deserto de papel pintado. Um espaço como o deserto é irreproduzível em estúdio, os exteriores têm de ser feitos em exterior. Foi o que ele fez, usando também cenários naturais em Barcelona, embora não faltem, evidentemente, retro-projecções e maquetas. Mas se o trabalho do cenógrafo foi decisivo na edificação dos interiores, a articulação dos espaços exteriores deve-se ao olho do realizador, bastante agudo. Depois do admirável preâmbulo em Paris, em que o crime que dá origem a todo o drama tem lugar fora de campo e é revelado pelas manchas de sangue na roupa da passante, bêbeda e alegre, um *raccord* entre duas placas de rua leva-nos num segundo de Paris a Barcelona. A narrativa desdobra-se então em três partes, à francesa, à maneira clássica: a primeira etapa da fuga, em Barcelona (simples e admiravelmente eficaz é a ideia de filmar a fuga de Gabin pelas ruelas do Barrio Chino em *plongé*); a primeira etapa na Legião Estrangeira, com a apresentação dos comparsas; e a terceira fase, nos confins da colónia, em combate. Como convém a um filme sobre a Legião Estrangeira, agrupamento de homens “com um passado” sobre o qual não se faz perguntas, nada sabemos do passado do personagem de Gabin. Nem sequer sabemos se o seu nome, Pierre Gilieth, é mesmo o seu ou não. Não sabemos quem era o homem que matou, nem porque o matou, ele diz apenas que “*era um pulha, não merecia viver*”. E à medida que o filme progride ainda menos sabemos, pois ao entrar na Legião Estrangeira a identidade do homem se dilui no interior do grupo, antes de voltar a se cristalizar no terço final. E se o seu crime tem lugar fora de campo, embora seja brevemente rememorado, numa espécie de *flashback*, a sua morte também tem lugar fora de campo e é de certa forma ocultada. Jean Gabin não tem uma cena de coragem suicidária, seguida pelos tiros e pela agonia. Desaparece de modo tão seco e rápido como qualquer soldado numa batalha feroz. Neste ponto, o filme ecoa as numerosas canções da época sobre a Legião Estrangeira, em que bruscamente alguém simplesmente deixa de existir, é apagado pela morte, pelos *salopards* (“cabrões”), termo genérico com que os legionários à época designavam os árabes que combatiam. Também estes últimos são invisíveis em **La Bandera**, inimigos perigosos, astutos, mas sempre fora de campo, quer levem a melhor, quer levem a pior. Por isso, **La Bandera** não é realmente um filme de aventuras coloniais (embora seja “colonialista” sem complexos: estamos em 1935), nem um filme épico: é um filme de aventuras individuais, no centro das quais está o principal indivíduo do filme, o personagem de Jean Gabin.

Se este filme cristaliza o mito cinematográfico de Gabin é porque nele surge aquilo que a estudiosa Ginette Vincendeau assinalou como sendo a essência do mito do ator na sua juventude: um homem banal metido em aventuras extraordinárias. Um homem levado ao crime, um homem com um passado pesado, um homem estóico e sem medo de tomar riscos. Neste filme que faz dele uma vedeta, Gabin morre no desenlace. O cinema francês, muito mais livre e complexo do ponto de vista moral do que o americano, não impunha um desenlace feliz. Nos anos 30, pelo contrário, gostava de desenlaces infelizes, de histórias mórbidas e fatalistas. Gabin voltará a morrer em vários filmes que fará logo a seguir a **La Bandera**, como **Pépé-le-Moko**, **Le Jour se Lève**, **La Bête Humaine** ou **Quai des Brumes**. Em 1947, André Bazin observaria que “*se fosse preciso uma prova suplementar do destino excepcional de Gabin, bastaria notar que ele é talvez o único ator do mundo (...) diante do qual o público espera que a história acabe mal*”. É neste sentido que **La Bandera** forja de modo definitivo o seu mito de homem das classes populares, autêntico parisiense proletário dos anos 30, num combate com as forças do destino, como os heróis da Antiguidade. É aqui que começa o percurso excepcional de um ator-personagem que se coaduna à perfeição com as tendências de uma das grandes cinematografias de sempre, quando esta começava o seu período clássico.

Antonio Rodrigues